

# A CONFIANÇA NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS FEMININAS

Processo de construção de conhecimento: Avanço de investigação em curso

GT – 26: Sociologia do Corpo e das Emoções

Coordenadores do GT: MaríaEmiliaTijoux, AdriánScribano, Mauro Guilherme Pinheiro Koury,  
Roberto Merino

Jainara Gomes de Oliveira (SEXGEN/PPGA/UFPB)

[gomes.jainara@gmail.com](mailto:gomes.jainara@gmail.com)

## Resumo:

A relevância do conceito de confiança nas ciências sociais aparece pioneiramente nos trabalhos de Georg Simmel e vem sendo desenvolvido por estudiosos das mais diferentes perspectivas teóricas, a exemplo de NiklasLuhmann, Anthony Giddens, Zygmunt Bauman, entre outros. Este trabalho pretende abordar a categoria de análise confiança como objeto de investigação, em particular, no interior do universo das relações homoeróticas femininas. Para tanto, o presente trabalho se propõe a realizar uma sucinta incursão teórica sobre essa temática na contemporaneidade a partir das contribuições de autores situados no âmbito das ciências sociais.

**Palavras-chave:** Confiança, Afeto, Homoerotismo feminino

## 1. O lugar da confiança e do afeto nas ciências sociais

A categoria de análise confiança como objeto de investigação nas ciências sociais tem permanecido amplamente debatida. Conceito relevante para os estudos sobre interação social, ordem social, processo social, entre outros, o mesmo tem sido utilizado para analisar as mudanças de diversas dimensões sociais. A relevância do conceito de confiança nas ciências sociais aparece pioneiramente nos trabalhos de Georg Simmel (2003) e vem sendo desenvolvido por estudiosos das mais diferentes perspectivas teóricas a exemplo de NiklasLuhmann (1991), Anthony Giddens(1993), Zygmunt Bauman (2001), entre outros. Particularmente, no interior do universo das relações afetivas e sexuais da contemporaneidade (Zamboni, 2009), esta categoria de análise tem sido usada para analisar os processos histórico-culturais que instituíram a necessidade de rever os envelhecidos modelos estabelecidos na constituição das relações íntimas. Neste trabalho, pretendo abordar particularmente, as singularidades constitutivas das relações afetivo-sexuais estabelecidas entre mulheres sob a ótica da confiança.

### 1.1 Intimidade, sexualidade e individualização

Durante muito tempo a sexualidade estava confinada no campo estritamente controlado pelo casamento institucionalizado. Apenas no século XX, ocorre a dissociação definitiva entre sexualidade e reprodução. Essa despadrão das trajetórias conjugais proporcionou outras maneiras de estabelecer relações íntimas entre os sujeitos, na contemporaneidade (Bozon, 2004).

Com as mudanças decorrentes da revolução sexual que promoveram a politização da intimidade e da sexualidade (Rubin, [1993] 2003) no século XX, os vínculos afetivos foram remodelados e a partir dos novos processos de individualização o conceito de confiança (Giddens, 1993; Bauman, 2004; Luhmann, 1991; Simmel, 2001, 2003; Zamboni, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2011) foi acionado como um importante instrumento analítico a ser incorporado nas interpretações acerca das relações afetivas e sexuais contemporâneas.

A emergência de uma subjetividade e de um sujeito modernos fez parte do processo histórico que proporcionou a dissociação entre sexualidade e a ordem tradicional da reprodução que por muito tempo integrou os princípios fundamentais da organização social. A autonomização de um domínio da sexualidade devido o enfraquecimento da velha ordem da reprodução possibilitou a diversificação das experiências sexuais e ampliou o repertório sexual. Essas mudanças, por sua vez, foram incorporadas ao processo de construção dos sujeitos modernos e da individualização.

Devido às mudanças conjugais contemporâneas, as práticas sexuais destinadas à reprodução passaram a ser marginalizadas e o casamento deixou de ser definido como uma organização institucional e passou a ser definido como uma experiência interna e subjetiva do casal. O laço estabelecido entre sexualidade e conjugalidade, principalmente a partir do século XX, redefiniu as relações de gênero na sociedade contemporânea. Com a abertura para o afeto nas relações conjugais, o casamento como instituição tem se desestabilizado e a sexualidade adquiriu um lugar significativo na construção e sustentação da relação conjugal (Foucault, 1988).

Esse lugar central que a sexualidade adquire dentro das relações conjugais contemporâneas compromete a estabilidade desses relacionamentos, uma vez que, a sexualidade se constitui em uma linguagem fundamental do relacionamento. Deste modo, a constituição dessa nova forma de conjugalidade enquanto ambiente obrigatório dos afetos, a centralidade da sexualidade e a importância da subjetividade na constituição e interiorização das relações conjugais possibilitaram a desinstitucionalização do casamento, o enfraquecimento da regulamentação sexual, bem como o surgimento de novos arranjos conjugais.

É a partir dessa legitimidade da autonomização da sexualidade em relação à reprodução e a conjugalidade, que as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Mello, 2005) corporificaram-se como uma das novas formas de institucionalização de vínculos conjugais.

Para Bozon, a “diversificação e individualização das trajetórias conjugais e afetivas e o declínio da regulamentação sexual por meio de princípios absolutos” (Bozon, 2004, p. 54), fazem parte do processo de individualização dos comportamentos. E ainda que permaneçam a existir normas sociais que regulamentem a sexualidade, as expectativas com relação ao prazer se individualizam.

Nesse sentido, esses processos de mudanças historicamente constituídos, proporcionaram a fragilidade dos relacionamentos e as possibilidades de rompimentos dos mesmos foram significativamente ampliadas, além disso, produziram formas mais plásticas e menos duradouras de relacionamentos afetivo-sexuais. Ou seja, trata-se de um mundo marcado por mudanças relacionadas à dificuldade de estabelecer uma relação estável e com certa durabilidade (Giddens, 1993; Bauman, 2004).

É nesse ambiente cada vez mais instável e plástico que o conceito de confiança toma corpo. Isto significa dizer que, no mundo contemporâneo a confiança, dentro do universo das relações afetivas, precisa ser construída cotidianamente e deve fazer parte do tecido emocional do indivíduo. Nesse processo de interação, para construir a confiança, o indivíduo deve levar em consideração a traição/infidelidade (Zamboni, 2009).

## 1.2 Notas sobre Confiança

George Simmel (2001) aborda o amor a partir do egoísmo, como uma categoria primordial. Ele definiu o amor como um sentimento que se vincula de maneira mais direta ao seu objeto. Deste modo, o amor pode se configurar como um esgotamento quando se realiza ([1909] 2001), descartando o aspecto principal que o mediou. Além disso, o amor não pode ser considerado social em si mesmo, mas apenas como sociação. Para Simmel, a fidelidade deve servir como uma maneira de preservar a relação com o outro, permitindo que seja promovida uma percepção de estabilidade na relação constituída na vida interna do casal (Simmel, 2004). Sendo assim, a confiança estabelece determinado conhecimento reflexivo que daria condição de possibilidade às interações. No tríptico sustentáculo do amor, a gratidão também constitui outro importante elemento para a noção simmeliana do amor.

A confiança em Niklas Luhmann (2001) pode ser entendida como um mecanismo que reduz a complexidade social no mundo contemporâneo. A consolidação da confiança em uma relação afetiva e sexual exige uma estabilização das expectativas pessoais, o que por sua vez, implica na aceitação dos riscos e perigos envolvidos, dentro de um determinado campo de possibilidades. Nesse sentido, para Luhmann (1991) o amor poderia ser definido como uma relação de comunicação interpessoal e pessoal entre os sujeitos. É o meio de comunicação que informa sob quais circunstâncias o sujeito poderá se relacionar afetivamente com a outra pessoa. Deste modo, para Luhmann, risco e perigo são conceitos relevantes à definição de confiança e o amor passaria ser transformado em confiança por meio da superação da relação entre risco e perigo.

Tanto em Simmel quanto em Luhmann, para que a confiança seja constituída entre dois indivíduos que necessitam experimentar o processo de negociação de suas diferenças, o conflito nas relações afetivo-sexuais deve ser considerado como um elemento indispensável desse processo social de construção, principalmente diante das novas exigências que são estabelecidas no mundo hodierno.

Anthony Giddens, assim como Luhmann, aborda a reflexividade que proporciona a individualização das relações entre os sujeitos e do sentimento amoroso. Para Giddens essas relações individualizadas seriam os motivos que levariam o casamento baseado no amor ao fracasso. Giddens (2002) também discute as incertezas que permeiam os relacionamentos amorosos, no mundo contemporâneo. Para Giddens a confiança é necessária à sociedade moderna, uma vez que, esta resulta das mudanças nas relações sociais. Além disso, a confiança só pode existir em uma relação que proporcione risco.

Para Zygmunt Bauman (2004), a confiança nas relações amorosas está diante das incertezas específicas do mundo líquido moderno. Bauman entende que o processo de individualização do sujeito moderno acarretou prejuízos às relações afetivas. Essas instabilidades não mais permite ao sujeito crer na estabilidade das relações amorosas, deste modo, falta de confiança nos laços afetivos passou a caracterizar o mundo líquido-moderno. E como estratégias de proteção, os sujeitos buscam conservar a relação afetiva realizando renúncias e aderindo a rotina ou ainda, tentam encontrar a segurança, mas sem desprender muito esforço. O problema da confiança e desconfiança nas relações afetivo-sexuais seria regulado pela satisfação egoísta do prazer, ou seja, pela lógica objeto de consumo e consumidor. Deste modo, na modernidade do século XX os relacionamentos afetivo-sexuais poderiam ser caracterizados, em certa medida, pelo padrão de estabilidade e controle, diferentemente da modernidade líquida no século XXI (Bauman, 2001).

No mundo hodierno a manutenção das relações íntimas e afetivas não se limita mais a sustentação do casamento como uma instituição social, uma vez que, a estabilidade não proporciona mais um ambiente seguro, ou seja, de mais durabilidade porque o vínculo pode ser desfeito de modo brusco, originando sofrimento entre os indivíduos. É devido às incertezas presentes nas relações íntimas e afetivas que o conceito de confiança é considerado central nas relações contemporâneas, como expectativa subjetiva e objetiva estabelecida na vida interna dos indivíduos.

As importantes contribuições teóricas dos autores referidos sobre a temática da confiança nas Ciências Sociais nos permitem estabelecer um diálogo com as perspectivas teóricas que abordam

problemas sociológicos específicos, como os estudos de gênero e sexualidade. Além disso, nos ajudam na análise acerca da confiança nas relações afetivo-sexuais, particularmente as relações emocionais e eróticas estabelecidas entre mulheres. Entretanto, devo ressaltar que, esta sessão não teve a pretensão de realizar uma apresentação exaustiva da noção de confiança nas relações afetivo-sexuais, pretendo apenas sugerir novas possibilidades úteis à reflexão do tema, a partir da perspectiva dos autores elegidos.

## 2. Confiança e relações afetivo-sexuais entre mulheres

A partir das provocações de Michel Foucault (1984, 1985, 1988) que discute a sexualidade sob um ponto de vista histórico como um dispositivo de produção de subjetividade que opera por meio da incitação dos discursos de controle do corpo e dos seus prazeres, pretendo focar a minha análise nas particularidades das trajetórias afetivo-sexuais entre as mulheres, integrantes do universo dessa pesquisa. Proponho ainda, um deslocamento interpretativo, portanto, não será meu objetivo abordar o “ajustamento” de identidades nem a configuração de gênero que o compartilhamento dessas práticas ou desejos sexuais poderia produzir.

Isso significa dizer que, não podemos fixar as identidades e práticas socialmente, uma vez que, os sujeitos experimentam diversos estilos de vida (Koury, 2010), além disso, seria uma maneira de disciplinamento social, de controle social, de normatização dos corpos e dos desejos (Foucault, 2012).

Situado no interior desse marco teórico, o conceito de homoerotismo proposto por Costa (1992) para substituir o termo homossexualidade, se constituiu em um importante instrumento enquanto estratégia argumentativa para desenhar uma interpretação de orientação construtivista. Nas palavras de Costa,

“quando emprego a palavra homoerotismo refiro-me meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente com diversas maneiras com outros do mesmo sexo. Em outras palavras, o homem homoeroticamente inclinado é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou um conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade homoerótica em quem quer que os possuísse. A particularidade do homoerotismo em nossa cultura não se deve à pretensa uniformidade psíquica da estrutura do desejo comum a todos os homossexuais; deve-se, sugiro, ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria” (Costa, 1992, p. 22).

Esse recorte conceitual corrobora com as incursões teóricas que pretendo desenvolver no decorrer desse trabalho, na medida em que, ao fazer uso dessa categoria estou me referindo às possibilidades que os sujeitos têm de estabelecer relações afetivo-sexuais com outros sujeitos do mesmo sexo biológico, descartando o modelo identitário. Devo ressaltar que, concentro minha análise particularmente nos saberes produzidos sobre o homoerotismo feminino.

Nesse sentido, pretendo situar a problematização da naturalização da heterossexualidade como categoria que organiza a sociedade de maneira hierárquica e excludente. Isso significa dizer que, considerar a heterossexualidade como a condição “natural”, condicionou as práticas homoeróticas femininas a uma condição patológica. Deste modo, a hegemonia da heterossexualidade estigmatizou (Goffman, 1998) as experiências homoeróticas entre mulheres, consideradas como doença, desvio (Becker, 2008) e vergonha (Scheff, 2011).

Essa naturalização das diferenças sexuais e das sexualidades entre os sexos, enquanto categoria de análise, diz respeito à heterossexualidade compulsória como definida nos termos conceituais de Rich ([1980] 2010). Trata-se, portanto, de uma instituição política que se esforça em associar estreitamente

sexo, gênero, sexualidade e heterossexualidade. Esse conceito nos auxilia a analisar as normas que sustentam as relações de poder na esfera da sexualidade e do desejo, mas apesar de reconhecer a legitimidade desse conceito na atualidade, comungo da necessidade de radicalizar essa proposta de desconstrução binária. No entanto, não devemos entender essa desconstrução como um desmonte. Na esteira da proposta teórico-metodológica elaborada por Judith Butler (2003), entendo que os atributos do gênero não são expressivos, mas performáticos, isto significa dizer que, são constituintes de identidades que pretensamente exteriorizam. Deste modo, parto do pressuposto da não fixidez das referências identitárias de gênero e sexo, atentando para o seu caráter performático.

## 2.1 Confiança, Afetos e Conjugalidade

O amor se constitui no mundo hodierno como um importante meio para a conjugalidade. Deste modo, para entender a complexidade das relações afetivo-sexuais contemporâneas, faz-se necessário percebê-la dentro de um campo de possibilidades de interações sociais, uma vez que, particularmente nas sociedades ocidentais o amor passou a ser valorizado como um princípio básico de interação.

Para John Gagnon (2006) e para Michel Bozon (2004), o amor se constitui dentro de um “roteiro sexual”, definido de maneira interacional e simbólica. Eles abordam a construção da sexualidade, do desejo e da afetividade, a partir de uma roteirizações desses fenômenos. Gagnon defende que as experiências sexuais são construídas como “roteiros” que estruturam os cenários do desejo e a construção de si mesmo. Bozon, por sua vez, colabora com o debate sobre a prática social amorosa, descrevendo-a como uma experiência que se faz por meio de uma razão prática.

A partir da minha atual situação etnográfica (Oliveira, 20013), posso sugerir que as experiências e práticas afetivo-sexuais entre mulheres relatadas pelas minhas interlocutoras, sustentam uma certa distância entre sexo e afeto, apesar de este panorama não satisfazer todo o conjunto das entrevistadas. Para estas seus relacionamentos estão pautados por uma perspectiva marcada pelas noções de individualidade e projeto (Velho, 2002, 2003). Nas suas narrativas relatam que procuram sexo sem afetos, desconstruindo os discursos sobre a predominância da afetividade nos relacionamentos entre mulheres, além disso, as interlocutoras apresentam relatos de busca por novas experimentações sexuais.

Dentre os vários aspectos que contribuem para isso, podemos destacar a ruptura de determinados estigmas vinculados à homossexualidade. Esse quadro de mudanças se constitui principalmente, a partir do surgimento do feminismo e do movimento de liberação homossexual, ainda que recentes.

Para o outro conjunto de interlocutoras, por sua vez, seus relacionamentos com outras mulheres foram caracterizados por uma escolha pautada em critérios afetivos e sexuais e na emoção do amor. Trata-se de mulheres que enfatizam a afetividade, sem descartar a sexualidade. Esta junção entre afeto e sexualidade corrobora com o que Giddens (1993) conceituou de amor erotizado. Para estas a emoção fidelidade (Simmel, 2003) deve ser apreciada como um importante instrumento de manutenção da relação.

Esta forte valorização da experiência individual da emoção reconhecida por amor, justifica-se pelas mudanças que foram privilegiadas pelo maior reconhecimento do homoerotismo na sociedade moderna contemporânea. Isto significa dizer que, o reconhecimento da experiência individual da emoção amor e uma maior visibilidade e legitimidade do estilo homoerótico, depende da circunstância social e dos padrões de normalidade legitimados por esta. Nesse sentido, suas biografias individuais (Velho, 1994) demonstram que foram capazes de infringir a determinação social, pelo fato de poderem reconhecer-se como sujeitos desejantes e desejados (Gagnon, 2006) e portadores de afetividades.

Em síntese, a menor discriminação ao homoerotismo, a possibilidade de reconhecimento e valorização do projeto de relacionamento afetivo e sexual entre mulheres foi um aspecto de extrema relevância nas suas experiências cotidianas. Deste modo, a constituição de relações afetivo-sexuais

entre as mulheres que integram o universo dessa pesquisa, em certa medida, escapa dos imperativos morais.

Outro aspecto importante nas relações homoeróticas aqui mencionadas foi a centralidade da emoção confiança na constituição e manutenção da conjugalidade (Oliveira, 2012). Além disso, no universo dessas relações, a categoria de análise confiança aparece ordinariamente, como um discurso elaborado que pretende justificar a ausência de métodos de proteção nas práticas sexuais.

Dado o exposto, quero destacar particularmente a percepção de riscos e de necessidades de cuidados associada às DST e HIV/Aids, a partir da perspectiva da fidelidade conjugal.

Nesta pesquisa, a maior parte das interlocutoras avaliou como desnecessário o uso de preservativo ou outro método de barreira de proteção para a prática de sexo oral entre mulheres, uma vez que admissão desse recurso poderia trazer desconforto à parceira, como demonstração de desconfiança. Além do estabelecimento de uma relação de confiança para a constituição dos seus relacionamentos homoeróticos, as interlocutoras relataram que estabelecer hierarquias de parcerias constitui uma outra estratégia de prevenção adotadas no sexo entre mulheres.

Esses resultados dialogam com os que já foram apresentados por mim em uma pesquisa precedente (Oliveira, 2012) que traz uma etnografia cujo objeto de estudo da pesquisa foi o acesso à saúde entre mulheres que fazem sexo com mulheres pertencentes às camadas populares urbanas de Maceió, AL. Meu principal objetivo com esta pesquisa foi identificar quais eram as necessidades e problemas que minhas interlocutoras encontravam quando precisavam dos serviços e profissionais de saúde. Pretendi ainda, investigar os fatores que inibiam a procura pelo atendimento de saúde e quais eram as percepções das usuárias em relação ao atendimento de saúde recebido, bem como pesquisar as relações envolvendo discriminação e menor acesso a serviços de saúde, além de abordar a busca de cuidados associada ao relato das práticas e preferências eróticas nos serviços.

Os resultados deste estudo também demonstram que a falta do uso de preservativo ou outro método de barreira de proteção para a prática de sexo oral entre mulheres está relacionado a uma expectativa de fidelidade conjugal. Essa não vinculação das parcerias femininas com a transmissão de DST/Aids contribui para uma invisibilidade das doenças ginecológicas.

Essas pesquisas exemplificam como o desejo e manutenção de relações exclusivas justifica um modelo de fidelidade valorizado pela sociedade, que por sua vez, sugere uma confiança recíproca. Deste modo, a recusa ao uso de preservativos e a negação do risco significa uma demonstração de confiança depositada em suas parceiras. Para a maioria das interlocutoras, o medo da infidelidade seria maior do que o medo do contágio das DST's e HIV/AIDS, mesmo em situação de sorodiscordância (Luhmann, 1991; Giddens, 1993). Além disso, o contrato de fidelidade provoca, em certa medida, uma obrigação moral com as suas parceiras e com a própria relação, a partir da expectativa de durabilidade do vínculo afetivo.

### 3. Considerações

O ensaio aqui apresentado buscou abordar o conceito de confiança enquanto categoria de análise para uma investigação teórico-metodológica acerca das relações homoeróticas femininas. A partir da análise esboçada, podemos sugerir que a fidelidade evidenciou-se como uma peça central da confiança das suas relações emocionais e eróticas.

E retomando as provocações principais desenvolvidas no decorrer do texto, faz-se necessário salientar que tomar a confiança nas relações afetivo-sexuais entre mulheres, bem como seus estilos e modos de viver na contemporaneidade, significa elaborar propostas metodológicas e teóricas que consigam abrigar no seu interior a complexidade do processo de individualização. Na medida em que, as práticas homoeróticas constituem experiências singulares, conforme exposto a partir das narrativas biográficas individuais das interlocutoras.

Para findar, gostaria de ressaltar que ainda não existem trabalhos acadêmicos específicos sobre a categoria de análise confiança nas relações homoeróticas femininas, no campo das ciências sociais. Deste modo, faz-se necessário construir um olhar analítico particular no intuito de construir um dialogo entre as temáticas apresentadas.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt, 2004. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOZON, Michel, 2004. *Sociologia da sexualidade*. Tradução de Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

BECKER, Howard. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michael, 1988. *História da Sexualidade: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

\_\_\_\_\_, 1984. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal.

\_\_\_\_\_, 1985. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_, 2012. *Microfísica do poder*. 25ª ed. São Paul: Edições Graal, 2012.

GAGNON, John, 2006. *A interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

GIDDENS, Anthony, 2002. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Unesp.

GOFFMANN, Erving, 1998. *Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara.

\_\_\_\_\_, 1985. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_, 2011. *Ritual de interação*. Petrópolis: Vozes.

LUHMANN, Niklas, 1991. *O amor como paixão*. Lisboa: Difel.

\_\_\_\_\_, 2005. *Confianza*. Barcelona, Espanã, Anthropos.

\_\_\_\_\_, 2008. *Risk: a sociological theory*. New Brunswik, New Jersey, Transaction Publishers.

HEILBORN, Maria Luiza, 2004. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.

KOURY, Mauro. G. P, 2010. Estilos de vida e individualidade. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 41-53, jan/jun, 2010.

MELLO, Luiz, 2005 *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.

OLIVEIRA, Jainara G. de, 2012. “*De perto e de dentro*”. Um olhar antropológico sobre o acesso a saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em Maceió/AL. RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online), v. 11, p.737-812. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

RUBIN, Gayle, 2003. “Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade”. Cadernos pagu, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, nº. 21. pp. 01-88, 2003.

\_\_\_\_\_, 1993. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELOVE, Henry; BARALY, Michele Aina; HALPERIN, David (Eds.). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York, London: Routledge, 1993, p. 3-44.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, n. 05, 2010, p. 17-44.

\_\_\_\_\_. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience. *Signs. Women: Sex and Sexuality*, v. 5, n. 4, p. 631-660, Summer, 1980.

SIMMEL, George, 2001. *Filosofia do amor*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_, 2003. [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica*. RBSE, v. 2, n. 6, Dezembro de 2003.

\_\_\_\_\_, 1988. *Simmel e a modernidade*. (Org.) Jessé Souza e Berthold Oelze. Brasília: editora da UnB, 1998.

SCHEFF, Thomas, 2011. [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. A vergonha como a emoção principal da análise sociológica. Alguns exemplos nas músicas populares. *RBSE*, v. 10, n. 28, pp. 74-86, abril de 2011.

VELHO, Gilberto, 1986. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_, 1999. *Individualismo e cultura*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_, 1994. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_, 1980. *Projeto, Emoções e orientação em sociedade complexas*. In: FIGUEIRA, S (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves.



ZAMBONI, Marcela, 2009. “*Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor*”: a confiança nas relações amorosas. (Tese de doutorado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco.

\_\_\_\_\_, 2011a. “São demais os perigos dessa vida, pra quem tem paixão”. Do perigo ao risco no amor em NiklasLuhmann. *RBSE* 10 (29): 275–300, ISSN 1676-8965, Agosto de 2011. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

\_\_\_\_\_, 2010a. ‘O teu amor é uma mentira, que a minha vaidade quer’: A (des)confiança no amor em Zygmunt Bauman. *RBSE*, 9 (27): 838 a 874. ISSN 1676-8965, dezembro de 2010. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

\_\_\_\_\_, 2010b. “Lutemos, mas só pelo direito ao nosso estranho amor”: Foucault e as possibilidades de subversão no amor. *POLÍTICA & TRABALHO - Revista de Ciências Sociais*, n. 33 Outubro de 2010 - p. 211-233. ISSN 0104-8015. <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/index>

\_\_\_\_\_. Você inventa o amor e eu invento a solidão: do essencialismo aos determinantes culturais em George Simmel. *POLÍTICA & TRABALHO - Revista de Ciências Sociais*, edição 27-30, abril de 2009. ISSN: 1517-5901. <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/index>

\_\_\_\_\_, 2011b. “Infinito enquanto dure”: a confiança nas relações amorosas à luz de Anthony Giddens. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 17 (2011). <http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/57>